

## INFORMANDO AOS ADOLESCENTES SOBRE O USO DE DROGAS

---

Ednaldo Antônio da Silva<sup>1</sup>, Mair Santana de Fonseca<sup>2</sup>, Rebeca Soares da Gama<sup>3</sup>  
& Alda Batista de Oliveira<sup>4</sup>

---

### RESUMO

O presente trabalho de intervenção como prática de psicologia social teve finalidade teórica na pesquisa-ação, uma linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva que é orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação. Os pesquisadores e os sujeitos desempenharam um papel ativo na solução dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Na metodologia os participantes produziram os meios para que os problemas fossem solucionados junto com os facilitadores, as variáveis como a idade, a situação social, o local onde residem, a situação econômica, as questões de gênero, a religião e as questões culturais não foram isoláveis, porque elas interferem no que está sendo observado e o que cada pesquisador observa e interpreta nunca é independente da sua formação, de suas experiências anteriores e da própria inserção na situação investigada. O fenômeno utilizado foi informando os adolescentes sobre o uso de drogas e a intervenção teve como objetivo levar aos adolescentes o conhecimento sobre os tipos e efeitos que as drogas acarretam no organismo e as conseqüências sociais que as drogas trazem para a vida do indivíduo. A intervenção contou com a participação de quinze adolescentes por causa da desistência de cinco, com idades entre 13 a 18 anos. O trabalho se deu por meio de medida preventiva, educativa e informativa, levando em consideração que os sujeitos envolvidos não haviam experimentado álcool e outras drogas ilícitas antes da intervenção. Foram realizados quatro encontros constando de uma hora e quarenta minutos cada, contabilizando no total seis horas e quarenta minutos. Os encontros foram feitos de forma bem divertida, fazendo com que os adolescentes se sentissem a vontade para expressar seus pontos de vista sobre o uso das drogas.

**PALAVRA CHAVE:** intervenção, psicologia social, drogas

### ABSTRACT

The present work of intervention as practical of social psychology had theoretical purpose in the research-action a line of associated research the diverse forms of class action that is guided in function of the resolution of problems or objectives of transformation. The researchers and the citizens had played an active role in the

---

<sup>1</sup> Estudante de psicologia. FIR - Faculdade Integrada de Recife. Contato: nicoitaenga@yahoo.com.br  
Currículo Lattes no endereço:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4254017A8>

<sup>2</sup> Estudante de psicologia. FIR - Faculdade Integrada de Recife.

<sup>3</sup> Estudante de psicologia. FIR - Faculdade Integrada de Recife.

<sup>4</sup> **Professora Orientadora.** FIR - Faculdade Integrada de Recife. Possui graduação em Psicologia e mestrado em Antropologia Cultural, ambas pela UFPE - Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é professora da Psicologia Social I, II e Estágio Básico I na FIR - Faculdade Integrada de Recife. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Social, atuando principalmente nos seguintes temas: Representações Sociais, Saúde e Sexualidade.

solution of the found problems, in the accompaniment and the evaluation of the actions unchained in function of the problems. In the methodology the participants had produced the ways so that the problems were solved together with the interventors, the variable as the age, the social situation, the place where they inhabit, the economic situation, the cultural questions of sort, religion and questions had not been isolable, because they intervene with what he is being observed and what each researcher never observes and interprets is independent of its formation, its previous experiences and the proper insertion in the investigated situation. The used phenomenon was informing the adolescents on the use of drugs and the intervention had as objective to take to the adolescents to the knowledge on the social types and effect that the drugs cause the organism and consequences that the drugs bring for the life of the individual. The intervention counted on the participation of fifteen adolescents because of the five desistance, with ages between 13 the 18 years. The work if gave by means of writ of prevention, educative and informative, leading in consideration that the involved citizens had not tried alcohol and other illicit drugs before the intervention. One hour meeting consisting of and forty minute had been carried through four each, entering in the total six hours and forty minutes. The meeting had been made of well amused form, making with that the adolescents if felt the will to express its points of view on the use of the drugs.

**KEYWORDS:** intervention, social psychology, drugs

## 1 INTRODUÇÃO

Este tema foi escolhido por ser um assunto relevante que trata de um problema Nacional. Efetuamos levantamento bibliográfico, que foram realizadas leituras e fechamentos de fontes diretas e indiretas a cerca do tema, em que buscamos autores que desenvolveram e que desenvolvem trabalhos significativos a respeito da temática em estudo.

Foi escolhida a pesquisa-ação que é um método de condução de pesquisa aplicada, orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. LINDGREN *et al.* (2004) caracterizam a pesquisa-ação como sendo um método intervencionista que permite ao pesquisador testar hipóteses sobre o fenômeno de interesse implementando e acessando as mudanças no cenário real.

Neste tipo de pesquisa, o pesquisador assume a responsabilidade não apenas de assistir os atores envolvidos através da geração de conhecimento, mas também de aplicação deste conhecimento. A pesquisa-ação que é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2002).

EDEN & HUXHAM (2001) colocam que a pesquisa-ação aplica-se aos casos onde é necessário coletar dados mais sutis e significativos. Assim, em virtude da ampla inserção do pesquisador no contexto da pesquisa e do envolvimento do pesquisador e dos membros da organização pesquisada em torno de um interesse comum, os dados tornam-se mais facilmente acessíveis em uma pesquisa-ação.

Em uma orientação mais aplicada à área de informação aos adolescentes sobre o uso de drogas, BASKERVILLE & MYERS (2004) destacam que a pesquisa-ação pode também ser utilizada como um recurso para os pesquisadores

aprimorarem a relevância prática de suas pesquisas. A pesquisa-ação proporciona grande importância por possuir um aspecto interno, que diz respeito ao diagnóstico da situação e das necessidades dos atores e à formação de equipes envolvendo pesquisadores e os participantes, e um aspecto externo, que tem por objetivo divulgar essas propostas e obter o comprometimento dos participantes e interessado.

Existem dois problemas a serem esclarecidos: o plano institucional e o plano metodológico. No que diz respeito ao institucional, destaca-se a necessidade de definir o grupo de pesquisadores e suas relações com os atores da situação. É importante também informar a todos os participantes sobre os objetivos do estudo e a metodologia empregada. O maior foco está em obter as informações significativas para elaborar o projeto. Deve-se utilizar um quadro conceitual, para que seja realmente um retrato da realidade da instituição, e paralelamente realizar uma pesquisa de campo de caráter diagnóstico, através de entrevistas abertas, para detectar os principais problemas existentes THOLLENT (2002), assim, neste estudo o objetivo foi de verificar os conhecimentos que os adolescentes possuem acerca das drogas e que a falta dele pode ou não levá-los a fazer uso de drogas algum dia.

Assim, a fase exploratória foi composta por análise e diagnóstico na Escola Municipal Tereza de Jesus do Nascimento, levando em conta as informações da direção da entidade, informação fornecida pelo Conselho Tutelar de Lagoa de Itaenga/PE nos quais os conselheiros ministram palestras na referida escola.

Segundo FREIRE (2001) a formação é um fazer permanente que se refaz constantemente na ação. Para se ser, tem que se estar sendo. As aprendizagens são imprescindíveis ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas, físicas, estéticas, de inserção social e de relação interpessoal dos adolescentes. Assim, podemos dizer que a concepção de informação como processo construtivo é permanente, que constitui tanto o horizonte a visão antropológica que é definida como de desenvolvimento de competências, por meio da elaboração pessoal de resignificação de elementos transmitidos social e culturalmente.

Em outras palavras, informar aos adolescentes, assim como de qualquer outro indivíduo em formação, é concebido como um processo articulado com a construção da subjetividade, mobilizando elementos cognitivos, afetivos, estéticos, lúdicos, sociais e físicos.

A pesquisa-ação acontece nos problemas reais, podendo incentivar o desenvolvimento das habilidades *combinativas* entre críticas e criatividade. Nessa perspectiva pressupõe uma concepção determinada de construção do conhecimento no contexto social dos adolescentes, feito a partir do encontro de diferentes saberes: saber cotidiano que as pessoas traduzem de suas vivências familiares e sociais; e saber pessoal que emergem com o desenvolvimento das atividades. Com isso NÓVOA (1991) em seus estudos fala que a formação não se faz antes da mudança, faz-se durante, produz-se neste esforço de inovação e de procura de melhores percursos para a transformação do sujeito.

Existem competências e habilidades básicas imprescindíveis e existem também no ponto de vista de cada pesquisador em formação, caminhos e distâncias, diferenças para alcançá-las, considerando os adolescentes como sujeitos ativos de seu processo de construção de conhecimentos, isso implica considerar suas representações, conhecimentos e ponto de vista, criar situações e problemas que confrontem obstáculos e exija sua superação, criar situações as quais se possam refletir experimentar e ousar agir a partir dos conhecimentos que possuem

incentivá-los a registrar suas reflexões por escrito, ajudá-los a assumir a responsabilidade.

A natureza dos adolescentes exige grande envolvimento pessoal e uma capacidade de analisar como se engajar pessoalmente no seu dia a dia, que tipos de relações interpessoais e condutas das pessoas com quem convivem, pode regular sua própria conduta segundo os efeitos que conseguem perceber. É possível criar condições para que eles não só mobilizem com conhecimento que contribuem para a análise das situações em questão, mas contribuam para novos conhecimentos centrados na ação - reflexão - ação, sobre a vida, e na aquisição de conhecimentos que contribuam para imprimir cada vez mais a qualidade da vida.

Por meio da informação o homem se torna um ser global, simbólico, social, um cidadão inserido na civilização moderna, como domínio dos símbolos da comunicação humana CÓCCO & HAILER (1996). Assim a informação é um longo processo, em que os adolescentes observam, estabelece relações, organiza, interioriza conceitos, dúvidas e reelabora, até chegar ao código usado pelos adultos (FERREIRO, 1996).

O novo é sempre resultado de um processo de revisão, modificação e *complexificação* dessas representações. Nesse processo, interferem alguns fatores importantes como a distância entre o já sabido e o que se pretende as características das novas informações e a disponibilidade. A informação será mais significativa ou mais superficial, dependendo das reais possibilidades do indivíduo em estabelecer relações entre o que está aprendendo e o que já sabia anteriormente.

Adolescentes podem manifestar seus conhecimentos sobre drogas, identidade e papel de gênero através da categorização de brinquedos e da escolha de atividades feitas FAGOT & LEINBACH (1989), THOMPSON (2003). Embora muitos fatores contribuam para este fenômeno, a construção social e a aquisição de estereótipos, *drogados e/ou drogadictos*, parecem ser os resultados de um processo evolutivo, atribuídos a uma função da socialização primária dos adolescentes SNOW, JACKLIN & MACCOBY (1983). Para MARTIN & HAVELSON (1983); FAGOT & LEINBACH (1989) a aquisição inicial de comportamentos tipificados, percebida através do desempenho de papéis estereotipados, aparece, assim, como conseqüência do reforçamento parental e vinculada à formação de esquemas, que seriam a base da futura do perfil social do indivíduo adulto.

A partir dos conhecimentos adquiridos em Psicologia Social, foi constatado que o indivíduo é essencialmente social, formado através do convívio com outras pessoas na sua socialização primária, e posteriormente na socialização secundária. A socialização primária caracteriza-se por ser o primeiro contato com uma realidade, ou seja, a realidade da família. Esta socialização é estabelecida a partir de vínculos criados com pessoas da família, e de seres mais próximos quem têm o papel de tornar um indivíduo em um ser social.

Pela socialização primária que são interiorizadas normas e valores, assim como formas de relacionamento. Incluindo-se ainda, que nesta primeira socialização ocorre a partir de uma identificação carregada de emoção, onde a criança e o adolescente interiorizam o mundo dos pais como sendo o único mundo existente e o tom de realidade do conhecimento interiorizado é dado automaticamente, sendo necessários graves choques para desintegrar a realidade interiorizada na primeira infância.

Podemos relacionar o tema do presente artigo com o conceito de institucionalização, que corresponde à tipificação recíproca de ações habituais por

tipos de atores. As tipificações das ações habituais que constituem as instituições são sempre partilhadas. São acessíveis a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais. Diante desse conceito, podemos enfatizar a importância da institucionalização dos adolescentes sobre as drogas e suas conseqüências, para que o uso das drogas não se torne um hábito em suas vidas.

É possível acrescentar o conceito da socialização secundária, que é a interiorização de *submundos* institucionais ou baseados em instituições. A socialização secundária é a aquisição de conhecimento de funções específicas, funções direta ou indiretamente com raiz na divisão do trabalho. Exigindo assim, a aquisição de vocabulários específicos de funções, o que significa em primeiro lugar a interiorização de campos semânticos que estruturam representações e condutas de rotina em uma área institucional. Sendo assim, entendemos que a aquisição de conhecimento do adolescente sobre o que são os tipos, a origem e os efeitos das drogas está intimamente relacionada à socialização secundária como também o conhecimento de onde buscar ajuda para aqueles que são dependentes, pois com esses conhecimentos os adolescentes irão interiorizar essas novas informações com funções específicas.

Na socialização secundária os *outros significativos* se ampliam: podem ser outros indivíduos, grupos, organizações, instituições. Para HABERMAS (1990) uma instância extremamente importante neste momento é a *identidade coletiva* que dá sentido de continuidade para os indivíduos, por adotarem papéis normas e valores válidos para todos os componentes do grupo, o que reafirma constantemente a realidade objetiva e subjetiva. Uma relação positiva entre condições subjetivas e objetivas permite o sucesso de uma socialização secundária.

Em casos onde os grupos de outros significativos representam rupturas, inconsistências ou diferenças profundas, pode haver impossibilidade de se efetivar a socialização secundária. Nas intervenções é possível perceber como a socialização primária repercute na vida dos indivíduos. Alguns adolescentes se mostraram tristes e retraídas dificultando a interação social. A compreensão teórica de como se dá a constituição da identidade profissional nos é oferecida por HABERMAS (1990) que discute a questão da identidade do *eu* e por BERGER & LUCKMANN (2004) que descrevem o processo de socialização secundária.

Aprofundando a questão dos papéis sociais, HELLER (1992) nos diz que eles permitem a inserção automática do homem na realidade, mas por outro lado pode cristalizar de tal modo a vivência do sujeito que o impede de criar o seu próprio personagem, ou modificá-lo na vivência do papel. Políticas de identidade podem ser responsáveis pela manutenção de determinadas configurações de identidades em certos períodos de tempos. No nível individual sempre que a pessoa reproduz indiscriminadamente esta identidade pressuposta pela política, poderá estar vivendo o que CIAMPA (1990) denomina *mesmice*: cristalização de um processo de igualdade, o movimento de reposição de uma identidade já dada. Nesta situação o autor especifica que se dá a constituição de uma identidade mito.

O fato da pessoa, durante a socialização secundária vivenciar vários papéis, faz com que possa estabelecer as semelhanças e diferenças que existem entre eles. Estas diferentes percepções permitem ao indivíduo assumir os papéis com maior autonomia em relação aos modelos oferecidos, assim como estabelecer representações genéricas dos papéis e de si próprio. Este é o processo de individualização, de metamorfose que leva à constituição da chamada identidade do eu ou identidade autônoma.



Segundo BERGER & LUCKMANN (2004) sempre que uma construção histórica compartilhada tiver que ser transmitida para novas gerações, será utilizado para tanto um dos seguintes mecanismos de legitimação: a explicação, justificação e normatização da realidade criada. Estes autores colocam que neste momento se instala um controle social, institucionalizando esta construção e dando início, portanto, à formação da identidade institucional.

Sabendo que esta interação é a ação que exerce mutuamente entre duas ou mais pessoas socialmente (referindo-se ao outro homem). Essa ação de cada um é diferente por se dar com o outro e não isoladamente. Também ocorre a interação quando a uma regulação do indivíduo pelo meio.

Para MOSCOVICI (1994) o conceito de representação social tem origem na Sociologia e na Antropologia, através de Durkheim e Lévi-Bruhl. Também contribuíram para a criação da teoria das representações sociais, a teoria da linguagem de Saussure, a teoria das representações infantis de Piaget e a teoria do desenvolvimento cultural de Vigotsky.

A teoria das representações sociais pode ser considerada como uma forma sociológica de Psicologia Social. A expressão é mencionada pela primeira vez por Moscovici, em seu estudo sobre a representação social da psicanálise, que recebeu o título de *Psychanalyse: son image et son public*. Nesta obra, Moscovici apresenta um estudo onde tenta compreender de que forma a psicanálise, ao sair dos grupos fechados e especializados, adquire uma nova significação pelos grupos populares. O que motivou Moscovici a desenvolver o estudo das representações sociais dentro de uma metodologia científica foi sua crítica aos pressupostos positivistas e funcionalistas das demais teorias que não explicavam a realidade em outras dimensões, como é o caso da dimensão histórico-crítica.

Para FORGAS (1981) os postulados que orientam a *moderna* Psicologia Social são aqueles baseados numa visão do homem como ser pensante e processador de informações geradas no meio social. Essas informações seriam produzidas diretamente por nós, por terceiros, por nossa memória, veiculadas ou não pela linguagem, fornecidas no percurso de nossas relações com outras pessoas ou grupos.

O autor enfatiza a dimensão social ao considerar o conhecimento como algo inevitavelmente e profundamente social: "... nosso conhecimento é socialmente estruturado e transmitido desde o primeiro dia de nossas vidas, é colorido por valores, motivações e normas de nosso ambiente social na fase adulta e as idéias, conhecimentos e representações são criadas e recriadas tanto ao nível social quanto individual".

MOSCOVICI (1985) definiu a Psicologia Social como a ciência do conflito entre o indivíduo e a sociedade. O indivíduo só existe dentro da rede social e toda sociedade é resultado da interação de milhares de indivíduos. Segundo MOSCOVICI (1994) são objetos de estudo da Psicologia Social: os fenômenos e os fenômenos de comunicação, todos vinculados aos diversos níveis das interações humanas.

O fundamental nos estudos da Psicologia Social é o que ela tem de original, que é questionar a separação entre o individual e o coletivo, contestando a dualidade entre o psíquico e o social, sem deixar de compreendê-los como campos interdependentes.

Conforme STRINGER (1996), a pesquisa-ação compreende uma rotina composta por três ações principais: observar, para reunir informações e construir um cenário; pensar, para explorar, analisar e interpretar os fatos; agir, *implementando* e avaliando as ações. Dentro desta mesma idéia, pode-se dividir o processo de

pesquisa-ação em quatro principais etapas: fase exploratória, fase principal, fase de ação e fase de avaliação (THIOLLENT, 2002).

De acordo com autor, realizaram-se entrevistas individuais e coletivas e com questionários aplicados a pessoas-chaves da organização, que puderam expor suas reclamações, constatações e sugestões a respeito do assunto em pauta. Todas estas informações coletadas entre os entrevistados serviram como base para a posterior elaboração do trabalho que foi com a temática de informar aos adolescentes sobre o uso de drogas.

No momento em que se tem uma quantidade satisfatória de dados coletados, chega-se à fase de processamento das informações e resultados. Desta forma, a pesquisa-ação pôde ser iniciada com maior convicção da contribuição prática que o trabalho de diagnóstico poderia trazer. Assim iniciamos com o englobamento das atividades práticas e apresentação de propostas a serem negociadas entre os adolescentes. Alguns aspectos gerais que devem ser alvo de avaliação: Pontos estratégicos e Capacidade de propostas. Como também Participação; Qualidade do trabalho em equipe; Efetividade das atividades de formação; e Conhecimento e informação (adequação das brincadeiras e dinâmicas e de outros instrumentos de pesquisa (THIOLLENT, 2002).

Elaborou-se a compreensão psicológica de todas as dinâmicas, brincadeiras, desenhos e atuação cênica e a síntese específica das mesmas, comparando-se à síntese específica das dinâmicas, brincadeiras, desenhos e atuação cênica anterior; procedeu-se desta forma, sucessivamente, até alcançar-se o ponto de saturação, ou seja, a partir do qual os pesquisadores não encontraram nenhum elemento novo, inédito, em relação à análise das dinâmicas, brincadeiras, desenhos e atuação cênica.

## 1.1 A linguagem forma meio na comunicação

Nos estudos de LANE (1984) o homem ao falar transforma o outro e, por sua vez, é transformado pelas conseqüências de sua fala. Alguns autores trazem a sua contribuição para um conhecimento psicológico da aprendizagem da linguagem: Skinner, pela análise empírica que faz, demonstra a materialidade de falar e pensar; Piaget e Malrieu apontam para a gênese social das representações da criança e como ela desenvolve sua visão de mundo; Vygotski e Leontiev, concebendo o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, vê a linguagem como fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo, a qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações que o homem realiza ao se relacionar com outros homens

Nesse contexto, é muito importante o cuidado com as palavras, com os termos que usamos para classificar coisas e pessoas. As palavras e os termos têm poder de conferir identidade e, assim, estigmatizar, reduzir uma pessoa a uma única condição, apagando, negando, todas as demais. Termos como *bêbado* ou *bêbada* estigmatizam as pessoas e as colocam numa posição como se elas deixassem de terem outras, como de pai, mãe, trabalhador e/ou trabalhadora (BRASIL, 2008).

A autora acima diz que não há como negar a evidência de que hoje os meios de comunicação envolvem os seres humanos num novo espaço acústico (*mundo retribalizado*) onde eles passam a ser bombardeados, instantaneamente, por *variadíssimas* e inúmeras informações de todas as partes do mundo. Este espaço acústico pode assumir, muitas vezes, características de um agente revolucionário imperialista, que tem o poder de construir e moldar os seres humanos como bem

entendem. Quem controla este espaço, pode determinar que tipo de ser humano que irá se formar.

Continuando, a autora fala que a todo o momento, pela via das propagandas comerciais, somos convidados a beber. As propagandas sugerem uma idéia de que seremos melhores, teremos mais sorte e ficaremos mais fortes e alegres se bebermos esta ou aquela marca, este ou aquele tipo de bebida, que pode ser da cerveja ao vinho, do uísque à cachaça, e assim sucessivamente.

A autora ainda relata que a mídia, ao mesmo tempo em que nos informa, ultrapassa a sua responsabilidade social, tornando-se fonte de muitos equívocos e desinformações, devido ao seu comprometimento com o mercado de anunciantes. Há alguns anos anteriores, foram introduzidos motivos infantis, tais como lebre, tartaruga e siris nas propagandas de bebidas alcoólicas, num claro apelo dirigido às pessoas nessa faixa de idade. Isto, felizmente, tem se modificado, mas o apelo da mídia ao consumo de bebidas alcoólicas ainda continua muito intenso e dirigido ao público jovem.

Para GUARESCHI (1996) A indústria cultural cria a ilusão de que a felicidade não precisa ser adiada, por já estar concretizada no presente. O autor continua dizendo que a indústria cultural, ao se vincular aos meios de comunicação encontra uma fórmula magnífica para alimentar o sistema. A primeira coisa que muitas pessoas fazem, ao chegar em casa, cansadas e insatisfeitas, é ligar a televisão no seu canal predileto, para se desligar de uma realidade opressora. Com isso o buraco do coração é preenchido por desejos de consumo, por ideais de liberdade, pelo individualismo e por uma falsa felicidade. A consequência disso é a eliminação da dimensão crítica necessária à destruição dessa cultura industrial, sem a qual não haverá emancipação.

No Brasil, a idéia de uma suposta *explosão de uso* de drogas ilícitas a ser combatida foi aos poucos divulgada pela imprensa e assimilada pela opinião pública. Os primeiros estudos epidemiológicos realizados no Brasil, no final da década de 80, mostraram que, até aquele momento, o número de estudantes usuários de substâncias ilícitas era relativamente pequeno e estável. No entanto, alguns anos mais tarde, no início da década de 1990, o número de usuários de maconha e cocaína realmente começou a aumentar. O fato de a imprensa ter alardeado um aumento do uso de algumas drogas anos antes de acontecer poderia ser encarado de várias maneiras: a mídia como indutora do uso (incentivando o uso pelo excesso de informações) ou a mídia como indicador epidemiológico (teria sido capaz de detectar um fenômeno antes de ser mensurado pela ciência).

Na verdade, mídia, opinião pública, comportamento de uso de drogas e políticas públicas interligam-se em uma relação complexa. A imprensa, ao divulgar as inúmeras matérias sobre drogas, não estabelece necessariamente o que a população vai pensar, mas coloca em pauta o assunto a ser debatido, influenciando a chamada *agenda pública*. Os temas são colocados em discussão e, dessa forma, são estabelecidas as prioridades. Cinema, teatro e novelas também têm trabalhado questões relativas ao uso de drogas. A novela *O Clone* e o filme *Bicho de Sete Cabeças* são alguns exemplos de materiais artísticos que mobilizaram a opinião pública sobre drogas no país. Diferentemente das demais formas de comunicação, a publicidade tem como objetivo explícito promover a mudança de comportamento (BRASIL, 2008).

Ainda para o autor nos filmes, atores fumam com *glamour* seus cigarros e nas letras de algumas músicas pop, a maconha é idealizada. As propagandas de cerveja, trazendo situações sempre paradisíacas, invadem a casa e o imaginário dos



jovens sem interrupção. Os jornais noticiam com freqüência apreensões de drogas e prisão de traficantes. Nesse universo, como pensar em um espaço que possa educar e informar?

O tom das abordagens mudou muito nesses 20 anos e a experiência acumulada foi fundamental para que o discurso ficasse mais afinado. Com a questão das drogas, talvez mais plural e complexa do que a questão da sexualidade, a tentativa de achar à linguagem e os focos adequados estão apenas começando. Há um longo caminho a ser percorrido.

Falar sobre drogas nunca é fácil, mas pode ser a principal atitude para não se deixar envolver por elas. Mais do que repressão, é preciso compreensão. A informação pode ser decisiva na hora de ajudar familiares de usuários, as pessoas que já têm problemas ou até quem não quer usar drogas sejam legais ou ilegais. Pois, no final das contas, é sempre uma questão de escolha individual, na qual conhecer as conseqüências do uso dessas substâncias pode ser decisivo. E, com uma boa conversa pode ficar mais simples entender tudo isso.

A informação é um processo que não se deve restringir a um pequeno grupo de pessoas, pois esta ocorre através da interação entre o homem e o mundo que é resultado de condições históricas que foram construídas ao longo da evolução da humanidade que na verdade faz parte, necessária e intrínseca de uma realidade concreta e determinada reflexão na prática, através da dinâmica da pesquisa-ação e de investigação, valorizando os saberes de que os adolescentes são portadores.

Para NUNES (2000) o homem não é por natureza o que é ou deseja ser; por isso necessita inovar, formar-se, ele mesmo segundo as experiências de seu ser e de seu tempo, voltado para além do que decorre no dia-a-dia da existência e no reino das motivações. O adolescente tem que desenvolver a capacidade de utilizar a presença social e educativa, isto é, ele deve ajudar os outros nos momentos de dificuldade, dando afeto, amor, atenção. O meio social deve proporcionar a criação de novos conhecimentos, para tanto o adolescente deve se apoiar nos pilares sociais.

Os seres humanos já nascem com todas as suas habilidades, precisam apenas ser trabalhadas ao longo da sua vida para que eles possam atender as necessidades e mudanças que o mundo passa constantemente. Pensando nestas questões, se faz necessário refletir que a realidade não se transforma unicamente, porque sabemos que o resultado não é automático, pois, necessita de alguns procedimentos ou modos de execução eficientes para que se obtenham bons resultados, e se chegue aos objetivos traçados.

Partindo destes pressupostos, o caminho que pensamos que se devem seguir nos leva a um método de *aprender fazendo* como uma proposta pedagógica capaz de desenvolver processos educativos de análises, conhecimentos e transformações de uma realidade ou experiência. Acreditamos que todo processo educativo baseado em metodologias ativas requer fundamentação e esclarecimento, em vista de um modelo que garanta permanentemente a consecução dos objetivos explicitados, numa função educativo desempenhada nesta metodologia, que necessariamente serão de modo ativo, tanto por parte de quem dirige por quem aprende como por quem ensina.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O método utilizado foi o da Pesquisa-Ação, que visa ter como objetivação uma prática, uma ação. Através das dinâmicas que foram oferecidas, procurando

estimular a objetivação do conhecimento dos adolescentes sobre o uso de drogas. Além do estudo aprofundado sobre o tema na literatura: livros, sites, revistas científicas online e da impressa.

Esta pesquisa contou com a participação de quinze adolescentes sendo treze do sexo masculino e duas do sexo feminino. Com idades entre 13 a 18 anos, não usuários de drogas, todos residem em comunidades diferentes da zona rural do Município de Lagoa de Itaenga/PE, estudantes do ensino fundamental no horário noturno da Escola Municipal Tereza de Jesus do Nascimento, situada na Rua José Venâncio Correia de Lima, 100 - Centro do mesmo município. Entre os dias 14 a 31 de maio de 2007.

Os materiais utilizados para as atividades foram: Cola branca Bic, à base de água, lavável e não tóxica; Lápis grafite para desenho nº 2 Regent Faber Castell; Papel sulfite Chamex office A4 210x297mm; cartolinas CardSet 50 g, tamanho: 50 x 66 na cor branca; Lápis de cores de madeira e Lápis de cores de cera em cores variadas; Lápis hidrocor em cores variadas; Maquiagens; Tinta guache; Fita adesiva base de papel; E tesoura sem ponta, caixa de sapato, bombons, bombons de chocolates, doces, refrigerantes e bolos.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com pessoas-chave que participam da equipe pedagógica da escola. O objetivo destas entrevistas foi de complementar a análise de dados secundários disponibilizados pela escola do tema com as opiniões e os depoimentos dos professores envolvidos sobre a necessidade dos alunos e da escola com relação à intervenção.

A escola ofereceu acesso a relatórios das atividades: palestras, debates, atas de reuniões de pais e mestres e atividades extraclasse; Registros dos projetos, oficinas e atividades lúdicas desenvolvida durante o mesmo período; Documentos e ofícios de encaminhamentos enviados e recebidos dos serviços de atenção psicossocial do Município de Lagoa de Itaenga/PE; Documentos que regulam as atividades e procedimentos da equipe pedagógica e dos professores.

Foi feito um estudo acerca dos materiais disponível em site, livros e documentos da situação de uso de drogas no município e com base nas informações do Conselho Tutelar através do SIPIA – Sistema de Informação para Infância e Adolescência.

A queixa dos professores, da equipe pedagógica e da direção da escola se estruturava que os adolescentes da instituição, não possuíam as informações suficientes sobre as drogas e suas conseqüências, como também, que esta falta tenha sido uma das responsáveis em levar as pessoas a serem usuárias das mesmas.

Em documentos analisados verificou-se que havia uma preocupação a respeito da crença de desinformação dos adolescentes sobre as drogas, como também solicitação de serviços ao Conselho Tutelar, CRAS e CREAS, Agentes de Saúde, representante do Poder Judiciário, representante do Ministério Público, Polícia Civil, Serviço de Psicologia, Conselho Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente e Secretaria de Ação Social. Estas solicitações eram para que enviassem técnicos para ministrarem palestras, encontros e reuniões que viessem trazer informações sobre drogas que evitasse que eles não fizessem uso.

Em seguida diante das informações obtidas foram traçado dois encontros para diagnosticar o que os adolescentes sabem sobre as drogas e suas conseqüências e dois encontros para que os pesquisadores pudessem passar as informações que viessem acrescentar e aprimorar os conhecimentos sobre drogas e suas conseqüências. Os encontros totalizaram seis horas e quarenta minutos.

A análise das dinâmicas, brincadeiras, desenhos e atuação cênica desta pesquisa foram efetivadas por meio dos seguintes passos: Elaborou-se a compreensão psicológica destas unidades de significado e a construção da síntese específica das dinâmicas, brincadeiras, desenhos e atuação cênica nos encontros.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 Primeiro Encontro

No primeiro encontro a equipe de intervenção foi recebida pela diretora da escola, foram levados a uma sala onde se encontravam os adolescentes escolhidos para a realização do trabalho. As atividades foram iniciadas às 19:00 horas. Após as boas vindas os facilitadores apresentaram o tema do trabalho e os objetivos.

Em semicírculo os adolescentes iniciaram a técnica *Quem é você?* na qual começaram dizendo os seus nomes, as comunidades onde residem, o que faziam como atividade do dia-a-dia e apresentaram uma característica pessoal marcante. A técnica promoveu o conhecimento de todos, levando em conta que alguns adolescentes não se conheciam. A dinâmica tinha o objetivo de proporcionar aos pesquisadores uma estratégia de *anamnese* de forma sutil e descontraída.

Após esta fase, os adolescentes começaram a técnica de *projeção* fizeram um desenho-livre colocando logo abaixo do desenho o(s) seu(s) significado(s) e relacionar o desenho e a explicação e significados com o que eles sabem a respeito das drogas. Os trinta minutos foram poucos para que fizessem os desenhos então acrescentaram mais dez minutos para finalização dos trabalhos. A técnica teve como objetivo fazer com que os facilitadores identificassem o conhecimento dos adolescentes sobre os tipos de drogas.

Ao explicar os seus desenhos os adolescentes não estavam se sentindo à vontade. Após as explicações dos desenhos foi percebido que o grupo só conhecia o álcool e seus derivados como: a cachaça, a pinga, a água ardente, o vinho e a cerveja; O cigarro (tabaco); E a maconha (*cannabis sativa*) desconhecendo outras drogas lícitas e ilícitas. A técnica durou vinte minutos.

O desenho como técnica projetiva funcionou como estímulo da percepção temática sob medida, uma vez que os sujeitos fizeram um desenho e contaram a sua forma uma explicação sobre o que tinham feito. Os desenhos e as explicações funcionaram como agentes facilitadores para acesso aos conteúdos inconscientes e por trazer os conteúdos inconscientes, sendo considerada, dentro da perspectiva *winnicottiana*, como *área transicional*.

Assim, o método projetivo pode ser usado diante da situação em que os pesquisadores se deparam com as dificuldades de expressão dos sujeitos investigados, entretanto, foi através da interpretação dos dados coletados que se podem constatar os significados latentes apresentados nos conteúdos de caráter projetivo (WINNICOTT, 1991)

Os dados desta técnica foram analisados nos moldes da análise de conteúdo que considerou o teor temático das formas discursivas utilizadas pelos sujeitos. Essa técnica de análise considerou toda comunicação como uma dinâmica, em construção de significados (explícitos e/ou implícitos). Os pesquisadores procuraram os significados contidos nos desenhos, nas explicações relatadas pelos sujeitos sobre os desenhos, nos relatos de vida e nas demais expressões que acompanharam a comunicação.

Desenharam folhas de maconha; copos e garrafas: de *cachaça*, de *pinga e cana*; e além de maços de cigarros de tabaco que os adolescentes chamaram de *carteira* ou *carteira de boró* de marcas das mais comuns a sua realidade e disponível no comércio local. A técnica exigiu, inicialmente, organização dos dados, seguido de recortes do conjunto de dados em categorias, projetadas sobre os conteúdos expressos pelo sujeito. Necessitando a imersão dos pesquisadores, por meio de leituras e reflexões, relacionadas aos dados com a experiência concreta vivida pelos sujeitos. Quanto aos temas, consistiram numa unidade de significação complexa, de comprimento variável; sua validade não foi de ordem lingüística, mas de natureza psicossocial. O tema foi constituído tanto por uma afirmação como por uma alusão, contribuindo com várias afirmações que foram reenviadas para diversos temas.

Os adolescentes colocaram que os usuários de drogas são sempre marcados pela violência. Mostrando ainda, nos seus desenhos a retratação da realidade no qual participam ou vêm no meio no qual participam, onde demonstraram vivenciar com todos os seus encontros e desencontros na corrida para preencher a falta que os usuários têm, que é a busca compulsiva pelo seu objeto de prazer - a droga. Expressando em alguns discursos que alguns usuários não têm dinheiro para comprar as drogas e são levados roubarem para manter o vício e em alguns casos são apanhados pela polícia.

Nessa situação no material produzido pelos adolescentes, percebeu-se, à primeira vista, a cristalização de sentimentos de angústia, de insegurança e falta de perspectiva social dos usuários de drogas. Neste caso leva-se em conta que os conteúdos relatados são de pessoas que não fazem uso de drogas e que estas informações foram apreendidas ao longo de vida e pela situação cultural na qual vivem. Os adolescentes mostraram a confiança na crença e na possibilidade de recuperação, entretanto, nem sempre dita, é expressa nas imagens projetada nos desenhos. Que dois adolescentes colocaram ao lado do desenho das garrafas de álcool o desenho de uma pessoa caída e do lado dela outra pessoa tentando ajudá-la.

Percebeu-se ainda que no imaginário social retratado pelos adolescentes, os usuários de drogas são considerados transgressores das normas e, portanto, uma ameaça à ordem social. Por outro lado, os adolescentes mostraram que, a sociedade incentiva o alívio das tensões sociais, por meio do uso de bebidas e dos cigarros, drogas vendidas livremente. Os participantes mostraram que o fenômeno do uso de drogas, incluindo aqui o uso de bebidas alcoólicas e de outras substâncias que causam dependência e que são vendidas livremente, envolvendo tanto os aspectos socioculturais como fonte de perigo e de poder, como também os aspectos psicológicos, uma vez que não chegam a todas as pessoas, mas somente a um grupo que, ao fazer uso, ou continua usando ou pára de usar.

Os adolescentes mostraram em seus discursos que o fenômeno do uso de drogas, para determinados segmentos da sociedade, é analisado como uma questão ligada somente à pessoa do usuário. Afirmaram que há, por parte da sociedade, interesse em tentar encobrir a verdadeira lógica da ordem econômica e estrutural que existe nessa situação. Os adolescentes pontuaram que em alguns casos, é até comum relacionar o uso de drogas ao que se chama de *contágio simbólico*, como um problema com tendência à disseminação de um estigma, contagiando as pessoas do meio social que têm relacionamento amistoso com os usuários. Assim foi demonstrado em suas explicações que crenças como essas, veiculadas pela sociedade, reforçam as condutas de desprezo, de punição ou de

afastamento das pessoas estigmatizadas, o que, certamente, só aumenta mais o problema.

Os adolescentes expressaram que a sociedade transfere as verdadeiras causas geradoras de conflitos para os indivíduos, que são usuários de drogas, e os definem publicamente como inaceitáveis e repreensíveis excluindo-os. E para eles a família é primeira referência do ser humano, uma instituição mutável, que se organiza de acordo com os padrões culturais estabelecidos pela sociedade, e ela absorve esses padrões culturais e os transmite para os seus membros.

Os adolescentes mostraram em suas explicações que os fatores de sobrevivência das pessoas têm origem na família, como esteio, referência e fonte formadora de comportamentos. Os adolescentes possuem informações que as pessoas que usam drogas tiveram ou têm pais, mas não tiveram ou não está tendo experiências com eles que lhes permitissem *introjetar* a figura paterna estável, compreensiva e complementar, que pudessem ter uma identificação. Isto para eles é o fator que os tornou psicologicamente órfãos levando-os a fazer uso e abuso de álcool e outras drogas.

Nos relatos contidos nas explicações dos desenhos sobre os conhecimentos dos adolescentes, as famílias das pessoas usuárias de drogas apareceram como permissivas com pais omissos ou agressivos, alcoolistas e mães vítimas amorosas e, na sua maioria, coniventes com o uso de drogas, uma vez que, para minimizar suas dores, seus pais ou mães fazem uso de benzodiazepínicos, uma droga lícita que também causa dependência. Estas informações sobre medicamentos foram obtidas mediante um questionamento dos pesquisadores a respeito de que se os adolescentes tinham conhecimento de algum membro da família que fazia uso de benzodiazepínicos.

Para os adolescentes do ponto de vista individual-emocional, a *drogadicção* pode ser vista como uma busca narcisista de prazer, arcaica e regressiva. O desejo e o prazer com a droga vão substituindo todos os outros desejos e prazeres e sua busca é marcada pela impulsividade e pela urgência de satisfação. Os adolescentes demonstraram em seus desenhos e relatos que os usuários de drogas sentem progressivo abandono de tudo aquilo que usuários de drogas consideravam bom, aceitável, que dava prazer e motivava sua existência: como namorar, trabalhar e estar presente junto à sua família.

E é na fase de prazer que a dependência se instala. Assim eles pontuaram que inicialmente, a droga ocupa o lugar de alguma falta arcaica FARIAS (1997), proporcionando prazer. Na falta de ambos, aparecem o sofrimento, a incerteza, a angústia e a depressão, e a droga passa então a ser desejada intensamente e, quanto mais intensa for a vontade de consumir, maior será o prazer da intoxicação.

Para os adolescentes, este processo torna-se um círculo vicioso, *consumo-falta-consumo*. Nesse raciocínio, pode-se notar que para os adolescentes onde antes existia a droga, passa a existir a falta, falta que passa a substituir a droga e se transforma em objeto de desejo. Portanto, deve-se entender que é a compreensão sobre a atitude do usuário diante da falta que vai diferenciar o dependente do usuário eventual.

Em uma investigação a respeito do que havia sido escrito sobre drogas em alguns livros didáticos e cartazes usados pelos adolescentes, destinados ao ensino fundamental e EJA - Educação de Jovens e Adultos disponível na escola, onde se realizou a pesquisa encontrou-se grande número de textos com uma abordagem que merece ser chamada de *pedagogia do terror*. Causam impactos pelo amedrontamento e utilizam-se, por vezes, de informações cientificamente



infundadas, abstraindo o verdadeiro quadro epidemiológico de Lagoa de Itaenga, Pernambuco e do Brasil e as causas macroestruturais da problemática do uso e do abuso de drogas.

A técnica projetiva mostrou-se adequada para manter o diálogo, para se criar o ambiente favorável à investigação de aspectos difíceis de abordar, para indicar muitas questões subjetivas não reveladas na verbalização e para acessar conteúdos inconscientes, freqüentemente bloqueados e não ditos com o uso de técnicas diretas de abordagens.

Assim, percebeu-se que mesmo não sendo usuários de drogas e conhecendo ou tendo informações apenas da maconha (*cannabis sativa*), cigarros (tabaco) e da cachaça (álcool), os adolescentes mostram um amplo conhecimento sobre o tema, e que os seus conhecimentos foram adquiridos pelas experiências de observar o cotidiano e pelo acesso as informações disponíveis em palestras, encontros, seminários, reuniões, conversas com seus pais, seus responsáveis, com os seus professores, livros, revistas e pela mídia.

A última técnica utilizada foi a de análise e avaliação do encontro sendo que, apenas quatro dos quinze adolescentes falaram. Os que falaram três disseram que havia gostado e que para eles o encontro foi algo diferente que nunca teria participado de uma atividade parecida. Um dos adolescentes disse que não gostou do encontro e que não queria falar sobre drogas perguntando se no dia seguinte os pesquisadores falariam de outros assuntos. Em resposta os pesquisadores informaram que objetivo deste trabalho era informar aos participantes sobre o uso de drogas.

### **3.2 Segundo Encontro**

No segundo encontro todos já sabiam do retorno da equipe, a diretora novamente levou os pesquisadores à sala onde estavam os adolescentes demonstrando que estavam ansiosos para começar as atividades. Foi iniciada às 19h30min, sendo perguntado como os sujeitos haviam passado o dia.

Iniciando os adolescentes iniciaram a técnica de montar e representar em uma peça teatral mesmo sem gostar muito e no início da técnica o grupo se dividiu em duas partes: o grupo A montaram, apresentaram e representaram uma peça com as vantagens das drogas e o grupo B montou, apresentou e representou uma peça com as desvantagens das drogas. Os adolescentes do grupo A tiveram muitas dificuldades, pelo fato de desconhecerem muitas vantagens que as drogas traziam para as pessoas. Então foram dadas algumas dicas para que elaborassem a peça.

No começo das apresentações e representações estavam um pouco inibidos, com o desenrolar da apresentação e representações ficaram a vontade. O grupo B destacou a violência ocasionada pelo uso das drogas. Mostrando que nesta compreensão a violência era uma constante na vida dos usuários de drogas e na vida dos participantes por outros motivos ou por terem parentes que faziam uso de drogas. O grupo A mostrou as sensações boas que as drogas ocasionam no corpo do usuário, como por exemplo, alívio das tensões e da dor.

Ao término das apresentações e representações e em semicírculo todos disseram que gostaram de encenar, e apontaram que por mais que as drogas tragam alguma vantagem às conseqüências que trazem tanto para organismo como os aspectos sociais são ruins e acrescentaram: “*É melhor ficar longe delas*”. Com duração de vinte minutos e em clima de descontração, os adolescentes refletiram e debateram como as drogas causam problemas sociais, econômicos a cidade, estado

e ao país, como ela afeta a saúde dos usuários e como ela prejudica no desempenho no trabalho, na escola.

E na análise do encontro os adolescentes responderam que aprenderam muito principalmente a se expressarem e dizer o que eles pensam sobre as drogas e outros temas. Com um senso crítico apurado, os pesquisadores levaram os adolescentes a procurar estabelecer novas relações com o entorno e com as diferentes manifestações espetaculares que buscam retratá-lo (DESGRANGES, 2003).

Autores como o alemão Bertolt Brecht e, influenciado por ele, o brasileiro internacionalmente conhecido, Augusto Boal, são as referências iniciais desse tipo de proposta, com pensamentos críticos e revolucionários para o uso social do teatro. Brecht tem uma teoria marcante chamada de Teatro Épico Didático. Com ela, Brecht pretendeu opor-se ao *teatro dramático*, que conduziria o espectador a uma ilusão de realidade, reduzindo-lhe a percepção crítica. Ou seja, ele se mostra contra a produção que fazia o espectador esquecer sua realidade, e propõe uma forma de teatro que traga a discussão social e que faça nascer o senso crítico popular, como Francimara N. Teixeira afirma, em seu artigo: A diversão não se destaca, portanto, como um foco de interesse.

Os adolescentes interpretaram cenas que faziam parte de informações que eles trazem das drogas somadas com suas experiências de observar o meio social no qual vivem. A diferença é que eles usaram as máscaras dos personagens e, assim, fica mais fácil encontrar soluções para resolver os problemas sócias presentes.

Esta estratégia de ilusão (o sentimento de que estão assistindo ou representando uma peça teatral) e identificação (a mesma é embasada nas suas próprias vidas em observar o meio social) traz bons resultados, como observamos em Bezerra: “De fato, nesses poéticos distanciamentos e identificação se fundem a tal ponto que se torna difícil delimitar as fronteiras entre *teatro* e *vida*, *espectador* e *ator*, *pessoa* e *personagem*” (DESGRANGES 2003).

Boal dá o nome de Poética do Oprimido à proposta de que o povo se transforme no ator. Assim os adolescentes puderam mostrar seu ponto de vista, fazendo-os pensar sobre um problema encenado no palco para chegarem a uma solução e, assim, se habituando a resolver problemas de suas próprias vidas e vidas de outras pessoas: “Para que se compreenda bem esta Poética do Oprimido deve-se ter sempre presente seu principal objetivo: transformar o povo, espectador, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática” (BOAL, 1988).

Estes dois autores são importantes quanto ao pensamento da arte como forma de construção de uma consciência crítica. Os pesquisadores ajudaram os adolescentes a terem mais consciência sobre seu papel social, e auxiliá-las a refletirem sobre os problemas cotidianos e, assim, encontrarem soluções concretas.

Num primeiro momento, houve a familiarização dos adolescentes com jogos de dramatização. Durante o processo de criação do roteiro já se percebeu o envolvimento seus envolvimento com a temática e técnica. Passados alguns minutos, os adolescentes conseguiram ver a saída dos problemas mais habituais que são vistos na sociedade da Lagoa de Itaenga/PE, como as brigas nas famílias, agressões dos pais gerados pelo alcoolismo e por outras drogas.

O que mais se percebeu nesse roteiro, da fase inicial, é a falta de esperança que os adolescentes vêem nos usuários de drogas e demonstraram que os usuários não têm esperanças em si mesmas. Apontando em suas compreensões os motivos

que as levam a abandonarem a escola e a perderem descréditos na família. Também problematizaram o abuso sexual, que, quando denunciado, leva o agressor, muitas vezes o pai, para a cadeia. O roteiro ainda reflete o uso das drogas como refúgio, o papel dos amigos no tráfico e a realidade da prisão.

A peça além de mostrar os problemas, também instigou a reflexão sobre a busca de respostas, e se existe superação para um obstáculo no teatro também existirá uma saída na realidade. Através de jogos teatrais, verificou-se que é possível manifestar sentimentos de opressão e retomar valores perdidos. A dramatização/máscara oportunizou uma chance para as adolescentes se expressarem e serem valorizados enquanto pessoas, assim, estimulando-os a pensarem criticamente sobre as suas condições e sobre as condições das pessoas que são usuárias de drogas. Com a utilização desta técnica lúdica, foi possível informar aos adolescentes e levá-los a ter uma compreensão dos efeitos negativos das drogas na vida das pessoas.

### **3.3 Terceiro Encontro**

No terceiro dia os adolescentes estavam à espera da equipe de intervenção, e o encontro começou às dezenove horas e trinta minutos. O encontro foi iniciado com a pergunta de como teria sido o dia de cada um com a resposta de dizendo que foi bom ou bem. Percebeu-se que todas as vezes que se perguntou como os adolescentes passaram o dia, ficavam surpresos como se ninguém nunca tivesse se importado em fazer esta pergunta.

Os facilitadores informaram que iriam passar seus conhecimentos sobre as drogas para os adolescentes, já que eles haviam passado para os facilitadores os seus conhecimentos. A palestra foi iniciada com utilização de cartazes expositivos nos quais havia os tipos, a origem, como são conhecidas e os efeitos das drogas. Os adolescentes prestaram muita atenção, pois as informações que foram passadas eram muito importantes e serviu para a técnica seguinte.

O grupo mostrou-se bastante interessado nas novas informações, já que todos só tinham o conhecimento de cigarro de tabaco, maconha e álcool. A palestra durou 1 hora, sendo enfatizada mais sobre os efeitos que as drogas trazem para o organismo e suas conseqüências sociais. Como os adolescentes possuíam desconhecimento sobre as diferenças e os tipos das drogas lícitas e ilícitas foram enfatizados bem mais esta temática sempre exemplificando. Foi notada que a palestra foi esclarecedora para os adolescentes, que até então quase não sabiam das drogas existentes e seus principais efeitos e conseqüências física, psíquica e social.

Após a palestra o grupo foi dividido em quatro equipes para jogarem entre si e as duas equipes finais jogaram até sair a equipe vencedora. O jogo que era composto de cartas onde de um lado as cartas com os nomes das drogas e do outro lado as cartas com os efeitos que cada droga causa. A equipe vencedora foi a que conseguiu formar o maior número de pares contendo o nome da droga com o seu respectivo efeito, mesmo levando em consideração que todas as equipes ficaram um pouco atrapalhadas no início da técnica.

Descontraídos e se divertindo as equipes disputaram acirradamente entre as equipes, mas de uma forma saudável, ao fim da técnica os adolescentes da equipe vencedora receberam chocolates como uma forma de premiação pela participação bastante satisfatória. E os vencedores distribuíram os chocolates entre todos os participantes do jogo.

Com estas atividades percebeu-se que os adolescentes adquiram informações de forma dinâmica, interativa e divertida e que estas atividades puderam ser partilhadas, distribuídas em forma de brincadeira. E que elas pode ser suficientes para levar o conhecimento necessário para que os jovens tivessem conhecimento para fazer a escolha de usar ou não as drogas. E que estas informações pode possibilitar o entendimento que os adolescentes tornaram-se multiplicadores.

O espírito de partilha dos adolescentes com relação aos chocolates pode ser entendido de duas formas. Como os adolescentes são unidos entre si ao distribuir aos outros que não venceram o seu prêmio que nesta situação era o chocolate como forma de unidade. E podia ser um efeito negativo no caso se os sujeitos fossem usuários de drogas e ao invés de chocolate, o prêmio fosse droga, a partilha ocorreria da mesma forma.

Compreende-se que o gesto de partilhar é comum entre os seres humanos e pode ser uma das mais fáceis estratégias das drogas entrarem de forma mais intensa entre os grupos, pelo fato dos grupos partilham as informações, conquistas, brindes, prêmios e como também, podem partilhar as drogas.

Notou-se na técnica, que os adolescentes puderam aumentar e testar os seus conhecimentos adquiridos na palestra de forma mais dinâmica e criativa. Puderam ensinar e testar a si e aos outros de forma conjunta. Sendo treinados para que no dia-a-dia ao se deparar com os problemas, de forma conjunta e encontrarem soluções.

Na análise do dia os adolescentes disseram que gostaram muito, pois foi uma forma nova de aprender, pois logo em seguida a palestra teve o jogo e isso ajudou muito eles fixarem os conhecimentos adquiridos. Eles pediram aos pesquisadores para pedir as professoras para fazerem sempre esse tipo de dinâmica na sala de aula e a dinâmica os deixou mais a vontade para expor o que pensavam, e que desta forma era mais fácil de aprender.

### **3.4 Quarto Encontro**

Neste dia os trabalhos foram divididos em três técnicas: Técnica A: Foram distribuídos folhetos informativos com endereços de locais de atendimentos aos usuários de drogas locais, regionais, estaduais e nacionais, no qual os adolescentes podem buscar ajuda, no caso de dependência química de algum parente ou amigo a até mesmo a si caso cheguem há usar um dia ou tirar dúvidas a respeito das drogas. Mostraram-se bastante curiosos e interagiram com as explicações dos facilitadores.

Técnica B: Todos os adolescentes em semicírculo e ao som da uma música bem ritmada, enquanto circulava um embrulho, que continha uma caixa de bombons. Foi explicado ao grupo que cada um iria abrir o pacote aos poucos enquanto a música tocava, cuidando para rasgar o papel ao mínimo, e que quando a música parasse quem estivesse com o embrulho o passaria para a pessoa ao lado.

Se mostrando curiosos e empolgados para saber o que era aquele embrulho. A técnica prosseguiu até que um dos adolescentes abriu o pacote por completo e eles ficaram bastante alegres quando viram que era uma caixa de bombons. Os doces foram distribuídos para o grupo de maneira igual.

Após estes momentos o grupo se comprometeu em passar as informações adquiridas nos encontros para outros adolescentes da escola, comunidade e seus amigos. E que as informações foram suficientes para que eles tivessem uma compreensão das causas e efeitos que as drogas provocam nas pessoas.

Comprometeram ainda, que seriam agentes de apoio as professoras, equipe pedagógica e direção em promover atividades de combate ao uso de drogas. E discutir juntos com a família, os amigos, escola e comunidade as melhores formas de prevenção e cuidar de forma eficaz dos usuários.

Técnica C: Foi realizada a confraternização entres os pesquisadores e adolescentes com doces, salgados, bolo e refrigerantes. Os adolescentes estavam alegres, porém afirmavam estarem tristes, desejavam que os pesquisadores ficassem um pouco mais e pediram para que voltassem com outros projetos.

#### 4 CONCLUSÃO

Diante à experiência das intervenções sobre informar aos adolescentes sobre o uso de drogas, realizada na Escola Municipal Tereza de Jesus do Nascimento, situada na Rua José Venâncio Correia de Lima N.º 100 - Centro do Município de Lagoa de Itaenga Estado de Pernambuco CEP 55840-000, entre os dias 14 a 31 de maio de 2007.

Identificamos que os adolescentes de inicio conheciam apenas três drogas: O álcool e seus derivados com: a cachaça, a pinga, a água ardente, o vinho e a cerveja; O cigarro (tabaco); E a maconha (*cannabis sativa*). Mesmo sabendo que eram drogas não tinha conhecimento das quais eram lítica ou ilícita. Os adolescentes puderam interligar temas importantes de interesse nacional que articularam com as drogas, tais como: como violência física contra mulher, crianças, adolescentes e outros tipos de violência física como também o abuso sexual. Temas que articularam com o uso e abuso de drogas.

Os adolescentes mostraram que as drogas é um problema de segurança pública pelo falta dos viciados ao perderem o apoio familiar e não terem recursos financeiros para comprar as drogas necessitar roubar, sendo preso. Fatos que os adolescentes enfatizaram em suas dramatizações. Percebeu-se que os adolescentes mesmo conhecendo apenas três drogas, estes seus conhecimentos sobre elas, são suficiente para evitá-las. E seus convívios sociais e culturais, familiares, escolares tornaram-se comum presenciar pessoas sofrendo algum tipo de violência originada pelas drogas.

Que mesmo sendo da zona rural não possuem muitas diferenças sociais com relação aos habitantes da zona urbana. E que possuem as informações sobre as drogas mediante acesso a livros, palestras, seminários, reuniões e acesso a informações de jornais, revistas, televisão, rádio e a internet. E que estas informações ainda não foram necessárias para apresentar outras drogas e mostrar os seus efeitos.

Que os adolescentes ao descobrir mais informações sobre a temática e conhecendo outros tipos de drogas, assumiram o compromisso de serem multiplicadores no combate ao uso no município, na comunidade, na família, entre os amigos e na escola. E este gesto de multiplicador pode garantir a efetivação de minimizar os índices de usuários jovens no Brasil.

O trabalho mostrou que a preocupação da instituição em que os adolescentes possuem poucas informações sobre as drogas de fato era verdade, no entanto, as poucas informações que os adolescentes possuíam eram suficientes para evitar que eles fizessem uso delas.

E a instituição a sua forma, têm difundindo a idéia que o problema das drogas é problema saúde, conseqüência de um hábito que precisam ser mudado. E a forma adotada para mudar a realidade social da comunidade escolar mesmo



existindo poucos alunos usuários foi pela informação, orientação e reflexões a respeito das drogas e suas conseqüências. Assim o objetivo de diminuir o preconceito e aproximar as pessoas com este tipo de problema à comunidade na qual estão inseridos deve ser o foco dos próximos trabalhos.

Destacou-se que através das dinâmicas os adolescentes puderam expressar seus conhecimentos de forma mais aberta e livre, fugindo das normas e dos manuais que os impedem de falar suas opiniões diante de temas relevantes. E que com a prática de falar de assuntos sérios brincando pode abrir um leque nas práticas de ensino. E aproximar o tema dos adolescentes exemplificando de forma mais prática e de fazer com que houvesse uma maior participação.

Este trabalho levou os adolescentes a serem agentes de mudança da suas comunidades, levou-os a serem multiplicadores, que poderão refletir sobre o papel que aceitaram em ser: ADL - Agentes de Desenvolvimento Local em ajudar aos usuários de drogas. E podendo refletir, que para uma mudança ocorrer é importante que as pessoas que fazem uso de droga, acreditem na mudança de seus hábitos e que mudanças importantes acontecerão em suas vidas, elas só precisam está motivadas a terem uma boa razão para mudar. E os adolescentes como agentes transformadores podem incentivar a mudança mostrando que acreditam na capacidade das pessoas de mudarem, sugerindo novas opções e podendo orientar outros a fazerem encaminhamentos se necessários a profissionais treinados para lidar com estes problemas.

Os adolescentes foram levados a explorar os recursos da comunidade e procurando reconhecer as redes de assistência sociais e saúde; Serviço de Psicologia, CREAS, CRAS, Conselho Tutelar e Hospitais e buscando orientações para atendimento aos usuários. Como também opções de lazer saudáveis que possam ser alternativas que contribuam para uma melhor qualidade de vida, as pessoas que estão com problemas em decorrência ao uso de drogas.

A visão que os adolescentes demonstraram dos usuários de drogas, que eram pessoas que transgrediam as leis, normas e que não possuíam expectativas de vida, esperança e possuem um futuro temeroso. E para eles estas pessoas usam as drogas pelo falta de não terem um pai para se espelhar. Para eles ainda os pais de alguns usuários, também, de outra forma incentivaram os seus filhos a usarem drogas por abandonar-los ou deixá-los.

Assim com o trabalho foi possível mostrar que o abuso e a dependência de drogas não são fenômenos relacionados aos aspectos morais e ou de caráter das pessoas, mais um problema de saúde pública que atinge os usuários, o seu núcleo familiar, ocupacional e social. E que o apoio da família, dos amigos e da comunidade é de fundamental importância para os usuários querem mudar de hábitos e que infelizmente, ainda existem muitos preconceitos contra os usuários de drogas, isto não ajuda na recuperação.

Os resultados das técnicas foram importantes para subsidiar a construção da singularidade dos adolescentes. Os psicólogos objetivaram em suas práticas a construção de um trabalho sólido, tendo como objetivo a valorização da saúde, o respeito ético, solidário à vida e aos direitos humanos.

A compreensão da teoria da Pesquisa-Ação e da Construção Social da Realidade de BERGER & LUCKMANN (2004), nessa prática, foi altamente significativa, pode-se conhecer um meio de pesquisa plausível para entender a realidade social e como ela é construída. Considera-se que os objetivos foram atingidos e os adolescentes puderam conhecer melhor os tipos e os efeitos das drogas. E o contato com os adolescentes pode propiciar conviver com outras

realidades diferentes, principalmente por possuírem valores éticos suficientes para mudarem a realidade social onde estão enraizados.

Este trabalho pode servir para elaboração de políticas públicas para infância e adolescência, levando em conta o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente Lei Federal n.º 8.069/1990; a Lei Federal n.º 11.343/2006; e a Lei Federal n.º 6.117/2007.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASKERVILLE, R. e MYERS, M.D. Special Issue on Action Research in IS: **Making IS Research Relevant to Practice – Foreword**. MIS Quarterly, v.28, n.3, September 2004.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. A. **A Construção social da realidade**. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOAL, A. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

BRASIL. **Prevenção ao uso indevido de drogas**: Curso de Capacitação para Conselheiros Municipais. Presidência da República. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: SENAD, 2008.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CÓCCO, M. F & HAILER, M. A. **Didática de alfabetização**. São Paulo: editora FTD 1996.

CONTE, M. **Construindo uma política voltada à abordagem do uso indevido de drogas**. nº 23. Rio de Janeiro: Divulgação em Saúde Para Debate, 2001.

DESGRANGES, F. **A pedagogia do espectador: algumas anotações**. Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. Florianópolis, 08 a 11 de outubro/03. Florianópolis: Associação Brasileira de Pesquisa e Pós Graduação, 2003.

EDEN, C.; HUXHAM, C. Pesquisa-ação no estudo das organizações. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD, W. R. (org.) CALDAS, M.; FACHIN, R.; FISCHER, T. (org. ed. bras.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2001.

FAGOT, B. I. & LEINBACH, M. D. **The young child's gender schema**: Environmental input, internal organization. Child Development. EUA: Developmental Psychology, 1989.

FORGAS, J. P. What is social about social cognition. In: FORGAS, J. P. (ed.). **Social cognition**. London: Academic Press, 1981

FARIAS, F. L. R. **Representação social do usuário de drogas**. (tese). Ribeirão Preto (SP): Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: NESP, 2001.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. 2 ed. (C. N. Coutinho, Trad.). São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. 4 ed. (C. N. Coutinho e L. Conder, Trad.). Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

LANE, S. T. M. **Linguagem, pensamento e Representações Sociais**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LINDGREN, R.; HENFRIDSSON, O.; SCHULTZE, U. **Design Principles for Competence Management Systems**: a Synthesis of an Action Research Study. v.28, n.3. EUA: September MIS Quarterly, 2004.

MARTIN, C. L. & HAVELSON, C. F. **Gender constancy**: A methodological and theoretical analysis. EUA: Sex Roles, 1983.

MOSCOVICI, S. Introduccion a el campo de la psicologia. In: MOSCOVICI, S. (ed.), **Psicologia social**: influencia y cambios de actitudes, individuos y grupos. Barcelona: Paidós, 1985.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antonio. **As organizações escolares em análise**. Portugal: Editora Lisboa, 1991.

NUNES, M. **Guia Teórico do Alfabetizador**. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

SNOW, M. E. JACKLIN, C. N., & MACCOBY, E. E. **Sex-of-child differences in father-child interaction at one year of age**. EUA: Child Development, 1983.

STRINGER, E. T. **Action Research: a Handbook for Practitioners**. EUA: Sage, 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

THOMPSON, S. K. **Gender labels and early sex-role development**. EUA: Child Development, 1975.

WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1991.